

Editorial

Este número de Estudos Bíblicos se ocupa de dois temas correlatos: resistência e identidade. A resistência é uma capacidade do povo, especialmente dos empobrecidos e empobrecidas, excluídos e excluídas, de continuar vivendo, de teimar em viver e construir uma vida melhor. Se o poeta lusitano podia dizer “navegar é preciso”, nós podemos dizer que “Resistir é preciso”, ou, nas palavras da sempre lembrada canção, é preciso ter força, raça, gana – sempre. Resistência é a marca identitária principal das vítimas da injustiça e da exclusão. É resistindo que se sobrevive, é resistindo que se vive, é resistindo que se constrói a identidade. Identidade é um assunto que está na moda, típico da pós-modernidade. Mas aqui não tratamos da identidade que a sociedade neoliberal tenta nos impor, mas da identidade que se constrói a partir da resistência contra os sistemas, contra as injustiças, contra as violências. Identidade, não como questão psicológica, mas como luta social, luta humana, luta teológica.

O primeiro artigo trata de um pequeno bloco de leis do livro do Deuteronômio (14,22–15,23). Sua hipótese é que esse bloco de leis faz parte de um texto maior que, por sua vez, é expressão da resistência do campesinato judaíta contra a dominação monárquica e contra a dominação assíria. Ao resistir, projeta uma nova sociedade, cuja identidade está marcada pela fidelidade a Javé que se traduz em solidariedade econômica. Uma renovação da identidade que se construiu a duras penas nos inícios da vida de Israel como sociedade tribal em luta contra as cidades-estado cananéias.

O segundo faz uma leitura de Abdias, um pequeno livro profético, cuja mensagem, porém, ultrapassa os seus limites. Lida com as dores e as lutas de uma sociedade dizimada pelo invasor estrangeiro, que ainda tem de suportar o escárnio de seus vizinhos. Resistir é possível e necessário, e um novo começo se avizinha a quem crê na ação soberana de Javé. Violência e escárnio são temas recorrentes do livrinho profético que nos ensina a resistir quando aparentemente não há mais motivos para continuar vivendo e lutando.

Depois, uma reflexão sobre a resistência dos pobres de Deus contra o projeto de uma nova identidade para o Seu povo. Estamos agora nos tempos de Neemias, sob a dominação persa em Judá. Projetos de reorganização social, política, econômica e religiosa estão em conflito. Com a autorização imperial, Neemias traz uma proposta exclusivista, que reduz a solidariedade aos laços étnicos de parentesco. Diante desse projeto, os pobres da terra resistem e insistem em afirmar que a solidariedade não pode ter fronteiras fixas de forma tão mesquinha.

O último artigo sobre o Antigo Testamento nos leva ao tempo de Eclesiastes. Agora a dominação é helênica. Um novo desafio, inusitado, se apresenta ao povo de Deus. Acostumado a lidar com impérios dominadores – note que os artigos anteriores todos

vêm de tempos de dominação imperial: assíria, babilônica, persa – o povo de Deus enfrenta um novo tipo de dominação – tão cruel e injusta quanto as anteriores, mas com um desafio ainda maior no tocante à identidade: uma nova visão de mundo, uma nova cultura religiosa e social tenta se impor. É preciso, então, mais uma vez, resistir. Projetar novos futuros, encontrar novos caminhos. Os novos desafios são tremendos! Por onde deve andar a estrada das pessoas empobrecidas? Coélet apresenta a sua proposta: pequenas mudanças, pequenos começos são importantes. Resistir é preciso!

Passamos a dois artigos baseados em textos do Novo Testamento. Ambos têm a ver com a cristologia e a resistência dos pobres de Deus. O primeiro deles tematiza a resistência do movimento de Jesus, conforme descrita em Marcos 2. Quebrar a Lei foi um dos sintomas dessa resistência. Reconstruir a Lei é reconstruir a identidade, e Jesus propôs um novo começo, melhor, um novo re-começo para o povo de Deus. Resistindo contra a dominação – de novo sob um império, agora o romano – o povo de Deus refaz a sua identidade. Sem perder a sua memória, o novo se faz necessário sonhar e construir. Um novo caminho, um novo tempo! Por fim, o hino cristológico em Filipenses 2 é o tema do último artigo deste número. Pobres sabem cantar. E o povo de Deus, mesmo na dor, canta – lamenta e louva. O cântico de Filipenses 2 aponta para um caminho alternativo de resistência e construção de identidade – o caminho de Jesus, que assumiu radicalmente a solidariedade com a humanidade, tornando-se um de nós, e descendo à pior condição social possível na época de sua encarnação. Um caminho não-violento para por fim à violência que escraviza, aliena, mata o corpo e o sonho. Um novo caminho, uma nova sociedade a partir da fé em um novo Senhor.

Júlio Paulo Tavares Zabatiero